

Os Índios do medio-Madeira

O medio-Madeira compreende as áreas de influencia dos municípios de Manicoré e Humaitá, onde se encontram as estradas Manaus-Porto Velho e Transamazônica. A economia regional baseia-se na castanha-do-pará, juta, seringa, pau-rosa e madeira. Recentemente iniciaram-se incentivos governamentais para o cultivo racional da seringa, provocando a primeira corrida para a legalização de terras. As autoridades locais teimam em afirmar a inexistência de populações indígenas o que lhes facilita a implantação de projetos, por não terem de cumprir as exigências da legislação pertinente.

OS ÍNDIOS

KAWAHIB

Parintintin - localizam-se no rio IPIXUNA, igarapé Traira, Lagos do Antonio, Pupunhas e Urariara, todos afluentes da margem direita do Madeira. Formam uma população de aproximadamente 250 indivíduos, em níveis de aculturação diferentes. Alguns já têm até mesmo moradia em núcleos urbanos, enquanto outros mantêm-se dentro do universo cultural Parintintin. Suas terras são constantemente invadidas, mas não têm permitido a fixação definitiva de moradores brancos. A FUNAI vem tentando convencê-los que devem se transferir para a Transamazônica, para a reserva prometida onde se encontra um grupo Tenharim, proposta com a qual não concordam, pois declaram que continuarão nos locais que ocupam tradicionalmente.

Tennarim - além daqueles que foram reunidos dentro da reserva indígena projetada à beira da Transamazônica, existem mais dois grupos: do rio Marmelos e do igarapé Preto, afluente da bacia do Aripuanã. Não concordam em serem ajuntados na reserva proposta e sugerem que seja demarcada uma área maior que os abranja nos locais em que se encontram ou que sejam demarcadas três reservas, de forma que não tenham que abandonar as terras em sempre viveram. Ao todo são cerca de 230 pessoas.

Diahoi - apesar de se reconhecerem como Dianoi, não tem mais personalidade tribal. Parte aceitou o convite da FUNAI e se transferiram para junto dos Tenharim com os quais se misturaram, outra parte se integrou aos Apurinã do rio Maicí. Foram muito perseguidos e reduzidos numericamente; atualmente não se pode falar em povo Diahoi.

MURA

Torá - dados como extintos pelas estatísticas atuais, vivem à margem do rio Marmelos, local que estão pelo menos desde o início deste século. São bastante aculturados, mas tem orgulho em declarar a identidade étnica. Apesar de se constituírem em apenas 13 indivíduos e de terem suas terras registradas em nome de brancos, têm resistido, não aceitando que seus direitos sobre a terra não sejam respeitados.

Piranã - estão localizados em três aldeias ao longo do rio Maicí. Mantêm-se dentro de seus limites territoriais e quase nada sabem sobre o mundo dos brancos. Uma das aldeias é assistida pelo Summer Institute of Linguistic. Não se descaracterizaram culturalmente e são o povo mais explorado pelos regatões e patroes, em toda a região. São aproximadamente 150 indivíduos.

Mura - estão ligados diretamente à história da ocupação do atual Amazonas, pela forte resistência ao colonizador. Na região, estão espalhados sob a forma de famílias nucleares em vários igarapés, lagos e vilas. Pode-se reconhecer três agrupamentos localizados no rio Manicoré, lagos Capanã grande e Baeta/Acará, que estimam 100 pessoas. Negam a identidade étnica, por causa dos estereótipos: "bere como um Mura", "rouba como um Mura", "preguiçoso como um Mura". Encontram-se num triste quadro sanitário (lepra, leishmaniose, icterícia e estado de sub-nutrição geral) e na mais completa miséria. Suas terras estão invadidas, mas eles não têm reagido à situação.

APURINÃ

Foram trazidos do rio Purus para trabalharem na "pacificação" dos Pirahã. Com a retirada do SPI localizaram-se no rio Maicí e constituíram uma comunidade formada por Di-hoi, Tenharim, Parintintin e Piraha, que conta atualmente com 43 indivíduos. Não têm permitido a invasão de suas terras e reagem à exploração dos regatões. Reconhecem a importância de se alfabetizarem e procuram vender suas mercadorias em núcleos urbanos onde conseguem melhores preços. São os índios mais conscientizados dos seus direitos.

MUNDURUKU

Encontram-se no lago Jaurí, margem esquerda do Madeira, e são cerca de 20 famílias. Recentemente fizeram um abaixo-assinado às autoridades locais, denunciando a invasão de suas terras.

Esquias Heringer/Ana Lore

Manicé-AM, 23 de setembro de 1981